

Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz

Uma forma diferente de conhecer o melhor do Alentejo

Armando Quintas

CIDEHUS - Universidade de Évora / Centro de Estudos CECHAP

Resumo: A zona dos mármore do Alentejo (concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa) constituiu-se como a maior reserva de calcários cristalinos de Portugal, sendo ainda um dos principais centros produtores de excelência em todo o mundo.

A sua exploração ao longo dos dois últimos milénios tem vindo a produzir uma cultura muito própria, que, acelerada pela modernização industrial do último século, trouxe não só benefícios económicos e transformações na paisagem, como constituiu também um rico património edificado, dentro e fora da região, e ainda um saber-fazer tradicional, técnico e artístico.

Estudar, salvaguardar e promover este património tornou-se um novo desafio para o nosso tempo, reunindo valores artísticos, históricos e culturais com vista a um desenvolvimento sustentável da região. Uma estratégia que passa também pela promoção cultural e turística de forma transversal, oferecendo uma coesão social e um enriquecimento das comunidades através da divulgação e da promoção do seu território.

Palavras-Chave: Mármore, Alentejo, Cultura, Turismo, Economia

1. Património e História da Indústria dos Mármore: um estudo necessário

A formação dos mármore no território português privilegiou a região do Alentejo com uma das mais emblemáticas reservas do planeta, designada em termos geológicos por Anticlinal de Estremoz. Com uma extensão de 35 km por 12-15 km de largura e abrangendo essencialmente os concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, nela se concentram os melhores mármore cristalinos, que ali se formaram há cerca de 400 a 500 milhões de anos.

A exploração desta grande mancha marmórea, na qual predominam as variantes cromáticas do branco, rosa e azul acinzentado, provém já do período romano, mantendo pelos séculos seguintes uma atividade mais ou menos constante, elevando-se, a partir de inícios do século XX, a um ritmo intenso e extraordinário, o

Armando Quintas

que só se justifica pela riqueza do filão ali existente [Cartografia Temática: 2008; Carneiro: 2014].

Contudo, se o seu desenvolvimento industrial é bastante óbvio, bastando para isso observar o território, já a sua história estava há muito para ser conhecida. Perdida entre os parques elementos que se conheciam, não se dispunha de um estudo histórico, na longa duração, que revelasse os ciclos de exploração e a forma como esta atividade foi evoluindo ao longo dos tempos, com as suas respetivas repercussões sobre a economia, as paisagens e as comunidades humanas.



Figura 1 – Publicações sobre o Património e a História da Indústria dos Mármore 2015-2019.

Assim, a fim de colmatar esta lacuna, surgiu em 2012 o estudo científico *PHIM – Património e História da Indústria dos Mármore*, encabeçado pelo Centro de Estudos CECHAP – Vila Viçosa, com a colaboração e a coordenação científica de vários centros de investigação de universidades portuguesas.¹

Dos múltiplos objetivos a que se propõe, destacamos: estudar a evolução das dinâmicas históricas, territoriais e culturais desta indústria; preservar e divulgar a informação existente nos vários suportes; conhecer, preservar e dinamizar o património, a história e as memórias associadas a esta atividade, bem como contribuir para a valorização cultural, patrimonial, turística e económica da zona dos mármore. Este estudo tem vindo a ser realizado como um trabalho sistematizado, orientado por uma visão de conjunto sobre a evolução do território, organizando-se em torno de diferentes linhas de investigação: Arqueologia Romana; Arqueologia Industrial; Cartografia e *Mapping*; História da Arte; História da Construção e da Arquitetura; História Oral (Testemunhos); História Social; História das Técnicas e Tecnologias; Economia e Recursos Sustentáveis e Humanidades Digitais.

¹ www.cechap.com/quem-somos
<https://marmore-cechap.pt>

Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz Uma forma diferente de conhecer o melhor do Alentejo

No que diz respeito à sua metodologia, podemos afirmar, sem entrar em grandes detalhes, que esta se organiza sobretudo em três fases. A primeira, pela identificação das fontes de informação (audiovisuais, arqueológicas, cartográficas, documentais, testemunhos orais, entre muitas outras), com o levantamento da sua informação e a sua inserção numa base de dados colaborativa (*software* Zotero), abrangendo as dimensões da exploração, transformação e aplicação, desde os primórdios da época clássica até aos dias atuais. Uma segunda fase passa pela análise feita por especialistas à massa documental compilada, produzindo-se estudos, com publicação de obras monográficas e artigos científicos, aos quais se juntam ainda várias apresentações em fóruns da especialidade. Uma terceira e última fase visa a disponibilização em linha deste conhecimento produzido, bem como das fontes utilizadas, transferindo assim para a comunidade toda esta produção científica, que ficará para a posteridade acessível para a consulta, quer por parte de outros profissionais, quer pelo público em geral.

No que diz respeito a resultados, foi lançado, em 2015, o Portal História da Indústria dos Mármore, que, dando a conhecer este estudo, passou a integrar um centro de documentação em linha, com referência às fontes de informação levantadas, analisadas e estudadas. Tal possibilitou a edição de uma monografia histórica, a primeira sobre este sector em Portugal, intitulada *Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (1850-1986)*, que contempla, como o seu título refere, o período mais próximo de nós, desde a regeneração ou industrialização dirigida pelo Estado, até à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia [Alves: 2015].

Nesta primeira fase, como se poderá observar no referido estudo e nos complementos que tem vindo a receber, foram-se identificando não só os locais de produção (pedreiras), de transformação (oficinas e fábricas) e de aplicação (locais e peças onde o mármore foi aplicado), como também as empresas exploradoras, a evolução das zonas de exploração, a legislação que foi enquadrando a atividade, as técnicas, a evolução tecnológica, a paisagem, assim como os artesãos e os mestres de ofícios [Quintas: 2016; Quintas e Pereira: 2017].

Rapidamente se confirmou que estávamos perante não só a história de uma rocha, mas também dos homens e das suas vidas, de uma cultura, uma civilização e uma comunidade na sua relação com a pedra, os hábitos produtivos, o génio criador, a arte e os artefactos. Pois este mármore desfrutou, desde os alvares do tempo histórico, de um extenso e variado campo de aplicações, da escultura à arquitetura, do revestimento de pavimentos e paramentos ao mobiliário urbano e doméstico [Nunes: 1996].

Mas não só do passado histórico tem tratado este estudo, pois o mesmo, por via das investigações realizadas pelos territórios do mármore, tem vindo a constatar e a registar a realidade atual, que nos há de servir para memória futura. Não só pela entrevista a antigos e atuais atores do sector, trabalhadores, engenheiros, artesãos, mas também pela observação do património ligado ao mármore, a sua configuração, disposição e paisagem, através de registos vários, nos quais a fotografia ganha um grande protagonismo, vindo a realizar-se assim um grande levantamento da zona dos mármore e arredores, cujos registos já ultrapassam, neste momento, as 50 mil imagens.

A importância que este estudo tomou para o conhecimento da zona dos mármore levou a que sucedesse uma segunda fase, que decorreu entre 2017 e 2019, na qual se produziu mais uma monografia dividida em dois volumes, abarcando o período cronológico entre o século I e 1945 – “Mármore 2000 anos de História”, estando já contemplada uma terceira fase, que decorrerá até ao ano de 2023.

Acresce ainda a realização de outras ações, como a salvaguarda de arquivos, com destaque para o arquivo e a biblioteca do extinto CEVALOR – Centro Tecnológico para o Aproveitamento e Valorização das Rochas Ornamentais e Industriais. Com a insolvência deste centro tecnológico sediado em Borba, o CECHAP resgatou um riquíssimo espólio documental composto por milhares de itens, nos quais se compreendem estudos publicados e inéditos, dissertações várias, cartografia, fotografias e muitas publicações sobre o sector das rochas ornamentais. Esta documentação acabou por constituir um riquíssimo manancial de informação para a investigação em curso.

Por outro lado, a realização deste estudo tem vindo a proporcionar um precioso auxílio a jovens estudantes no âmbito dos seus projetos de mestrado e de doutoramento, registando-se uma grande solicitação por parte de investigadores estrangeiros. Por último, a juntar aos já cerca de 30 artigos publicados em revistas nacionais e internacionais e às 50 comunicações em conferências, há 2 teses de doutoramento e 2 outras de mestrado, presentemente em curso, que serão defendidas em universidades portuguesas e estrangeiras.

2. Património, Indústria e Turismo: A Rota do Mármore do AE

A atividade do mármore e a sua indústria são mais do que uma atividade extra-tiva, são também um valor cultural que surge a partir do trabalho e da transformação da matéria-prima, quando esta se torna um objeto artístico ou ornamental. É uma atividade geradora de uma forma de vida, de uma comunidade em torno de uma prática ancestral e de um património baseado no conhecimento imaterial, nas estruturas de produção e na paisagem transformada. O mármore é um elemento cultural que existe em todo o lado, dos tempos antigos à renascença e às grandes obras de canteiro, até à exportação massiva no século XX para muitas partes do mundo, tornando-se uma referência a um território específico.

No entanto, para se valorizar, é necessário conhecer, e se a sua valorização com o lançamento do estudo científico tem proporcionado informações sobre a sua evolução histórica, a sua consubstanciação no terreno deve passar por ações de promoção, nas quais se enquadram as práticas turísticas.

Desta forma, o trabalho de investigação e os seus contributos tornaram-se numa grande ferramenta de produção de conteúdos históricos e culturais destinados a públicos interessados na oferta de turismo industrial da Rota do Mármore do AE.²

Trata-se de um produto de experiência para o visitante, envolvendo as várias fases desta indústria, numa ligação com o seu território, a sua história e a sua

² www.rotadomarmoreae.com

Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz Uma forma diferente de conhecer o melhor do Alentejo

comunidade. A Rota do Mármore surgiu em 2007 como projeto-piloto em âmbito académico, tendo-se profissionalizado a partir de 2013, sendo atualmente o único roteiro turístico industrial presente na zona dos mármore, em funcionamento permanente e de forma profissional.

A sua ação assenta essencialmente em cinco grandes vetores: a divulgação do património da zona dos mármore nas suas várias dimensões, ao nível geológico, arquitetónico, urbano, paisagístico, gastronómico; a preservação das memórias e do saber-fazer do trabalho artesanal e industrial; a exploração do papel ativo e construtivo dos lugares patrimoniais; a educação e a sensibilização patrimonial de jovens e adultos; e a valorização da cultura, da economia local e regional e do recurso endógeno que é o mármore.

A Rota do Mármore criou assim um produto a partir do recurso endógeno Mármore, numa proposta de experiência para o visitante, envolvendo a indústria extractiva, transformadora e o espaço urbano numa ligação de leitura sobre o território, da sua história e do seu património, procurando produzir uma narrativa sobre as técnicas e tecnologias da exploração do mármore, abrangendo o território e a realidade do lugar de lavra da pedra até à sua aplicação na arquitetura e nas artes.

A promoção do território e do produto endógeno dos mármore a partir de uma prática de turismo industrial começou por ser inicialmente uma experiência de visita às pedreiras, que, em virtude do esforço da equipa promotora, desenvolveu um trabalho concertado com centros de investigação académica de universidades portuguesas, valorizando e promovendo a qualidade e a afirmação da Rota do Mármore.

A sua estratégia assentou na transmissão do conhecimento, numa perspetiva real e concreta, da indústria dos mármore no Alentejo, das suas dinâmicas históricas e económicas, mas também culturais e patrimoniais. De forma progressiva e sustentável, através de atividades diversas (estudos, conferências, visitas, turismo criativo), a Rota do Mármore tornou-se num veículo de afirmação e promoção da região e abriu portas ao mundo. Criou-se assim uma dinâmica de arrastamento, que se reflete em valor económico, através do domínio cultural deste recurso, mas também da própria indústria, de forma indireta, com um reflexo nos seus negócios, a partir do conhecimento, (re)descoberta e (re)afirmação do seu recurso natural.



Figs. 2 – Matéria – Prima, Paisagem e Saber – Fazer (Arquivo CECHAP, 2019).

Entretanto, a Rota evoluiu e ganhou reconhecimento. É procurada atualmente por todo o tipo de visitantes, mas com grande incidência no público especializado, como as universidades estrangeiras, muito vocacionadas para as engenharias e arquiteturas, que desejam conhecer o recurso Mármore no seu meio natural. Foi

Armando Quintas

também selecionada para fazer parte do projeto CREATOUR – Turismo Criativo, enquanto projeto-piloto da Região do Alentejo e ainda do Programa de Valorização dos destinos do interior, por parte do Turismo de Portugal.

As suas atividades alargaram-se imenso; além das visitas às pedreiras e aos monumentos, começaram a incidir também nas paisagens da indústria e nas atividades culturais de aprendizagem patrimonial. Nestas, podemos incluir a experiência das oficinas de canteiro e de *ateliers* de outros artesãos, onde o visitante pode literalmente colocar as “mãos na massa”, aprender as etapas básicas da modelação escultórica, conhecer os diferentes tipos de pedra, aprender a fazer objetos com desperdícios, entre muitas outras atividades.

Mas a Rota é também, por si, um veículo de promoção do território, que leva à divulgação dos seus monumentos e das próprias empresas, fazendo-lhes publicidade – a elas e ao seu produto –, incitando os visitantes a contemplarem as belezas marmóreas e a serem veículos de divulgação para uma possível aquisição futura, por si ou por terceiros, durante a sua visita efetuada.

3. Considerações Finais

A Rota do Mármore do AE tem tido o mérito de conseguir afirmar o mármore como elemento cultural que pode e deve gerar valor. Um elemento cujo património industrial associado (fábricas, máquinas, ferramentas) também possui um valor intrínseco, tal como o património religioso ou arqueológico, por exemplo, e cuja paisagem é também uma paisagem cultural, com um contexto de produção e de relação com o meio ambiente. Também tem sido abordada a memória coletiva, enquanto grande elemento agregador, de reforço da identidade das comunidades, do património e dos artesãos, como elemento singular e diferenciador em face de outros territórios.

Neste sentido, como atualmente vêm manifestando diversos especialistas, o turismo industrial pode e deve ser uma das estratégias para estimular elementos diferenciadores, que, de produtores de encargos ou de dissonância, possam passar a gerar benefícios a partir da sua fruição. Para tal, há que saber interpretar o património e conhecer tão bem a história de uma catedral ou de um palácio, como de uma grua ou de uma pedreira, tarefa nem sempre fácil e bastante demorada, mas só possível com um aturado e rigoroso estudo que permita criar uma verdadeira narrativa patrimonial.

Estamos em crer que o turismo industrial só poderá funcionar no âmbito de um projeto agregador, que junte a estruturação do produto com a investigação histórica e patrimonial, o *marketing* e o *design*, não só para usufruir do que já existe, mas também para auxiliar os territórios a conceberem novas vivências e a reinventarem-se a partir de novos produtos com o mesmo recurso.

No caso do mármore, a estratégia a seguir consiste em auxiliar na contínua venda do mármore para todos os continentes, mas partindo em busca desses mesmos pedacinhos para os fazer regressar às origens, na forma de visitantes desses mesmos países outrora importadores.

Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz
Uma forma diferente de conhecer o melhor do Alentejo

Fontes e Bibliografia

- ALVES, Daniel (coord.). (2015). *Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (1850-1986)*. CECHAP, Vila Viçosa.
- CARNEIRO, André. (2014). “Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa”, *Callipole*, n.º 21: 199-220.
- Cartografia Temática do Anticlinal – Zona dos Mármore*. (2008). Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo., s.l.
- MATOS, Ana Cardoso de; Alves, Daniel. (2019) (coord.) *Mármore 2000 Anos de História – Vol. II – A Evolução Industrial, os seus agendes económicos e a sua aplicação na época contemporânea*, Lisboa, CECHAP / Theya Editores.
- NUNES, Manuel de Castro. (1996). *Uma Patine Milenar: Os Mármore do Alentejo*. Estremoz, Associação de Desenvolvimento da Zona dos Mármore.
- QUINTAS, Armando. (2016). “As grandes empresas portuguesas e estrangeiras na exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz no século XX”. In Susana Rocha Relvas, Rikki Morgan-Tamosunas e Maria Gómez Bedoya (eds.), *Iberian Interconnections – Conference Proceedings*. Porto, Universidade Católica, 199-210.
- QUINTAS, Armando. (2017). “The role of marble between as an economic resource and cultural uses in the industrial tourism context”. In Gemma Belli Francesca Capano, Maria Ines Pascariello (eds.), *VIII AISU Congress – The City, the Travel, the Tourism Perception, Production and Processing, Collection of Papers*. Naples, 2958-2961.
- QUINTAS, Armando, e Pereira, Vanessa Alexandra. (2017). “O património geológico das pirites e do mármore do Alentejo. Industrialização, paisagem e valorização cultural e turística”. In Octavio Puche Riart et al. (eds.), *Mineria y Metalurgia Históricas en el Sudoeste Europeu. Nuestras Raíces Mineras*. Madrid, SDPGYM – Valoriza Minería, 507-515.
- SERRÃO, Vitor; Moura Soares, Clara. (2019) (coord.) *Mármore 2000 Anos de História – Vol. I – Da Antiguidade à Idade Moderna*, Lisboa, CECHAP / Theya Editores.
- TINOCO, Alfredo; Filipe, Carlos; e Hipólito, Ricardo. (2014). *A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz*. Lisboa, CIES-IUL/ISCTE-IUL.